

## APRESENTAÇÃO

### **Dossiê:** *Mulheres e Gênero na Literatura: representações, interseccionalidades e resistências*

Mulher, Gênero e Literatura: vastos mundos que se entrecruzam. Mulher e gênero compreendem complexos campos de estudo, de produção teórica, e constituem-se como categorias interpretativas que possibilitam analisar as relações sociais que se estabelecem entre pessoas de diferentes sexos, orientações sexuais e identidades de gênero, em toda a sua gama de diversidades e interseccionalidades com outros marcadores sociais, tais como classe, raça, etnia, idade, e que, como construtos, transversam toda a trama do tecido social. Mulher é, aqui entendida, como uma categoria de gênero (KOFES, 1993), e este, como a forma pela qual cada sociedade organiza a sua diferença sexual, as relações entre os sexos. (SCOTT, 1995).

Toda essa ampla temática encontra abrigo na literatura, singular forma de manifestação artística que por meio de palavras prenes de sentidos e significações, de atos de fala, recriam, com recursos ficcionais, a realidade social.

Nesse *locus* revela-se a presença, ausência ou apagamento de mulheres na produção científica e artística. Nele têm lugar representações “elaboradas com categorias de linguagem ou códigos de interpretação fornecidos pela sociedade” (ARRUDA, 1991-1992, p.124), não raro marcadas por estereótipos e preconceitos que terminam direcionando sentimentos, pensamentos e práticas dos/as leitores/as de textos literários.

Em suas páginas também ecoam, em prosa ou verso, a memória de mulheres e homens em contextos históricos específicos, suas relações e trajetórias, bem como os sinuosos percursos na luta contra a violência de gênero que impacta sobretudo as mulheres, a partir de diversificadas formas de enfrentamento, resistência e empoderamento.

Esta edição do Caderno Espaço Feminino reúne textos de autores/as nacionais e internacionais que, em profícuo diálogo, buscam na Literatura o tratamento despendido a diferentes questões e problemáticas atinentes a mulheres e às relações de gênero.

Passamos a apresentá-los, assentados/as nos resumos produzidos de próprio punho pelos/as seus/suas respectivos/as autores/as.

Abrindo o Dossiê *Mulher, Gênero e Literatura*, temos o poético título “Excede(ndo)r a semântica das molduras: a poesia feminista contemporânea na obra de Ana Bê”, Rosimeire Barbosa Silva do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, Portugal, e Lennita Oliveira Ruggi, professora de Sociologia da Educação na Universidade Federal do Paraná (UFPR, Brasil), discutem a escrita feminista contemporânea tendo como ponto de partida a obra da jovem poeta portuguesa que nomeia seu texto. Considera que à margem do mercado editorial de grande porte, ela redimensionou a literatura engajada, conjugando a experimentação estética com o exame minucioso da inserção das mulheres na sociedade.

Nessa mesma direção, porém em contexto brasileiro, Clóvis Carvalho Britto - doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília - em “Ana Cristina César: metáfora e metonímia de uma geração poética” discorre sobre a poética da chamada “geração mimeógrafo”, construída em pleno regime autoritário brasileiro, e mais especificamente sobre o modo como as mulheres se inseriram nesse movimento que visava conquistar um novo público literário e recolocar a literatura como um produto mobilizador na área cultural.

Na sequência, outro artigo apresenta as representações de mulheres na literatura religiosa. “Dalila e Ester: personalidades bíblicas linguisticamente poderosas”, de Márcia Cristiane Nunes Scardueli e Aline Rodrigues de Camargo da Universidade do Sul de Santa Catarina – analisam os recursos linguísticos utilizados para a construção das personalidades Ester e Dalila em textos bíblicos, a partir da perspectiva da Análise Crítica do Discurso tendo como *corpus* as passagens bíblicas acerca das vidas das personagens em tela.

Nas trilhas da conexão entre o sagrado e o profano, segue o texto de Patrícia Maria dos Santos Santana - doutoranda em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - “Hilda Hilst e a poética profana na obra *Do Desejo*: uma estratégia de luta” evidenciando a poesia erótica de Hilda Hilst em seu estreito vínculo com o sagrado, sua busca pelo divino como fator essencial do processo de criação. Observa que a obra possibilita entrever significativos aspectos das relações de gênero na sociedade brasileira em transição do século XX, para o XXI.

Em "O destino da mulher é ser como a loba e a cadela: notas feministas sobre *A filosofia na alcova*", Henrique Marques Samyn - doutor em Literatura Comparada e professor adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - debruça-se sobre o texto "A filosofia na alcova", uma das mais importantes obras do Marquês de Sade, publicada em 1795. O articulista, a partir de uma leitura crítica feminista, percebe Sade como tributário de discurso misógino sobre o corpo da mulher, concebido de modo essencialista, que termina por relegá-la a um espaço social subalterno.

Por outro lado, Suely Leite - doutora em Letras e professora de Teoria da Literatura da Universidade Estadual de Londrina, em "Amor: um conto divisor de águas nos discursos femininos" persegue a cristalização de um discurso feminista, construtor de identidades, na ficção literária do conto "Amor" de Clarice Lispector.

Ainda no que tange à construção das identidades e relações de gênero, nas fimbrias dos paradigmas, preconceitos e discriminações, Edwirgens Aparecida Ribeiro Lopes de Almeida - professora da Universidade Estadual de Montes Claros, doutora em Literatura pela Universidade de Brasília, em "Das relações de gênero às relações de classe - homossexualidade e preconceito racial em *Cabra-Cega*, de Lúcia Miguel Pereira" discute a crítica realizada pela autora, em seu romance *Cabra-Cega*, aos preconceitos de gênero e classe social presentes na ficcional realidade de uma mulher pobre, negra, que se defronta com inúmeros obstáculos na tentativa de ascender socialmente e se fazer ouvir.

Fechando o dossiê, Giuseppe Roncalli Ponce Leon de Oliveira - doutorando em História Social pela Universidade de São Paulo - em "O romance *Usina* de José Lins do Rêgo e as representações do homossexualismo e da prostituição na região nordeste" ressalta aspectos importantes das identidades de gênero, "masculinas" e "femininas" na sociedade patriarcal brasileira, já em um momento de intenso crescimento urbano-industrial do país e região nordestina, revelados pelo autor no romance em tela, publicado em 1936.

Além do Dossiê que entrelaça mulheres, gênero e Literatura, a presente edição do Caderno Espaço Feminino traz ainda uma série de artigos e uma resenha, textos a seguir relacionados, que partem das construções identitárias, passam pelos porões da dominação e violência de gênero, para vislumbrar, ao fim do túnel o protagonismo e empoderamento das mulheres".

Inicialmente, dois textos discutem a história das mulheres e a construção identitária do feminino. Em “Gênero e Memória: uma construção Dionísica”, Rafael Chaves Vasconcelos Barreto - doutorando em Memória Social pela UNIRIO – e Francisco Ramos de Farias, doutor em Psicologia pela Fundação Carlos Chagas/RJ trazem alguns elementos históricos e mitológicos capazes de nos fazer refletir sobre as hierárquicas relações de gênero presentes nas sociedades androcêntricas e heteronormativas.

Na sequência, Yls Rabelo Câmara - doutoranda em Filologia Inglesa pela Universidade de Santiago de Compostela/Espanha-, Yzy Maria Rabelo Câmara - psicóloga pela Universidade de Fortaleza e assistente social pela Universidade Estadual do Ceará, Guilherme Linhaes Neto - mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará e Melina Raja Soutullo, licenciada em Letras pela Universidade de Santiago de Compostela/ Espanha, em “O elemento feminino nos primórdios do cristianismo”, discutem aspectos da história das mulheres na passagem do mundo clássico para o cristão, momento em que a Igreja começa a regular a vida de seus/suas adeptos/as. Discorrem ainda, sobre as primeiras mártires, algumas das quais se tornaram santas católicas, e exemplos para as primeiras religiosas que adentraram a vida conventual.

Na esfera das representações identitárias, em “Indicadores da UNESCO para Mídia (GSIM): entre as Políticas de Gênero e as Políticas de Comunicação”, Lenina Vernucci da Silva, mestranda em Ciências Sociais pela UNESP, e Ruth de Freitas, doutoranda pela Universidade de Málaga, Espanha, [Document1](#) analisam criticamente os *Indicadores de Gênero para a Mídia* (GSIM) publicados pela UNESCO em 2012, bem como os usos da categoria gênero e questões de poder em relação à mulher.

Em seguida, Clara Maria Holanda Silveira, mestranda em Políticas Públicas e Sociedade pela Universidade Estadual do Ceará, e Maria do Socorro Ferreira Osterne, doutora em Serviço Social pela Universidade Federal de Pernambuco e Profa. Adjunta da Universidade Estadual do Ceará, em “A mulher é Eva, o homem é Adão? Reflexões sobre o significado do ser homem e do ser mulher na sociedade” analisam tais significados através dos depoimentos de casais atendidos pelo Centro de Referência da Mulher do município cearense de Limoeiro do Norte.

Os significados e as representações do feminino também são objeto de estudo de Mariana Andrade Barcelos Rosa, graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Uberlândia e Eliane Schmaltz Ferreira, doutora em Sociologia e Professora

do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia no artigo intitulado “Gênero e Mídia: as representações sociais do feminino na publicidade das revistas *Nova e Playboy*”. As autoras focalizam as relações entre as construções sociais do feminino e as representações visuais das mulheres, buscando compreender as continuidades e descontinuidades que permeiam tais relações; constatam que o discurso publicitário de ambas as revistas mantém-se conservador ao construir o feminino atrelado à beleza, ao sexo, à reprodução, à maternidade e ao lar, representações sociais essas, inerentes à sociedade androcêntrica.

Cláudia Costa Guerra, professora da ESAMC de Uberlândia - MG, e doutoranda em História pela Universidade Federal de Uberlândia, em “Experiências de sujeitos de instituições sociais, vinculadas à rede de enfrentamento à violência conjugal e familiar em Uberlândia-MG (1988 a 2012)”, procura desvendar os significados das representações de violência e de gênero em discursos e práticas de agentes de instituições sociais, no período em tela, valendo-se, sobretudo de reportagens da imprensa uberlandense, haja vista considerar os meios de comunicação como meios de produção de sentidos, significações e representações.

Prosseguindo nas sendas da violência de gênero, seguem dois artigos. No primeiro, “A zona é no Morro Cortado!”: biopolítica e prostituição nos processos criminais em Itajaí/SC (década de 1960)”, Priscila Regina Carneiro Grimus, mestranda pela Universidade Estadual de Santa Catarina, problematiza a intervenção do judiciário nos usos dos espaços da cidade catarinense, tendo como fontes os processos criminais de lenocínio que figuraram na comarca de Itajaí/SC, na década de 1960. A discussão sobre a localização da prostituição na cidade é permeada por questões biopolíticas e perpassada por prescrições de gênero e relações de poder.

A seguir, Camila Rodrigues da Silva, cientista social e mestranda pela UNESP de Marília, em “Inquéritos policiais: múltiplas identidades femininas e as relações de gênero no cotidiano das cidades paulistas, 1920-1940”, observa a dinâmica dos indivíduos inseridos em uma sociedade em formação, diante dos avanços implementados por processo de mudanças e modernizações desenhadas no cenário paulista de 1ª metade do século XX.

Dos artigos que discutem construções identitárias de gênero, suas representações atravessadas pelo conservadorismo androcêntrico e heteronormativo, relações marcadas pelo poder e por práticas de dominação, exploração e violência de gênero, chegamos também a textos que retratam formas de resistências contra as hierárquicas relações de gênero, e trazem à luz a luta de mulheres por novos espaços sociais, seu progressivo empoderamento e protagonismo em prol da construção da equidade de gênero e justiça social.

No texto intitulado “Reflexões sobre a liderança feminina na comunidade remanescente quilombola do Tucum/BA”, Karla Dias Lima, mestranda em História Regional e Local pela UNEB, valendo-se da História Oral recupera narrativas locais que se resignificaram no processo de reconhecimento da comunidade; discute as estratégias de sobrevivência e militância nas práticas cotidianas dessas mulheres, entendidas como possibilidades de reconstruir vivências, afetividades, ancestralidades, memórias e identidades de gênero.

E sob a perspectiva da História Cultural, Jakeline Duque de Moraes Lisboa, doutoranda dos Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais, utilizando diversas fontes tais como documentos, atas, estatutos e fotografias, analisa, em “A participação feminina no *Turnerschaft Club Gymnastico* Juiz de Fora” o processo de inserção da mulher nas atividades físicas oferecidas pelo referido clube, fundado por alemães e teuto-brasileiros em 1909 e que finalizou suas atividades em 1979. Participação em termos, ainda muito circunscrita, sem conflitos explícitos, posto que desempenhando atividades que em nada transgrediam o cânone, que não feriam o ideal de uma identidade feminina cunhada a partir dos tradicionais atributos da delicadeza e da beleza.

Finalizando a seção de artigos da coletânea, Paulo Drumond Braga, docente da Escola Superior de Educação Almeida Garrett e doutor em História pela Universidade Nova de Lisboa, em “A educação em debate na assembleia portuguesa: o contributo das mulheres deputadas (1945-1957)”, discute a participação de deputadas que integraram a Assembleia Nacional do Estado Novo português, fortemente marcada pela preocupação com questões educativas. Retrata as quatro deputadas que estiveram em funções nas legislaturas de 1945-1949, 1949-1953 e 1953-1957, respectivamente, Virgínia Gersão,

Luísa Van Zeller, Maria Guardiola, Leonor Correia Botelho e Margarida Craveiro Lopes dos Reis.

A resenha “Gênero e memória em “ Cem Anos de Solidão” é assinada por Maria Lúcia Vannuchi, professora da Universidade Federal de Uberlândia e doutora em Sociologia pela UNESP de Araraquara/SP, e Maria Madalena Gracioli, professora da FFCL de Ituverava/SP e doutora em Sociologia pela UNESP de Araraquara/SP com estágio pós-doutoral no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra/Portugal. O texto é uma leitura sociológica do romance “Cem Anos de Solidão” do escritor colombiano Gabriel García Marquez, publicado em 1967, tendo como viés a dimensão de gênero no curso das sete gerações da família Buendía, todas elas marcadas pela forte presença da matriarca Úrsula, personagem por meio da qual se torna possível refletir sobre a permanência da violência e assimetrias de gênero, no bojo das mudanças promovidas pela modernização capitalista que, em Macondo, degradaram as relações sociais.

Não nos estenderemos mais na apresentação; falem, agora, os/as próprios/as articulistas que se fazem presentes nesta edição do Caderno Espaço Feminino, revista que tem primado pela densidade teórica e qualidade dos artigos que abriga.

Agradecemos a todos/as os/as autores/as que com suas pesquisas e discussões contribuíram para a construção desta coletânea, bem como às pessoas que colaboraram emitindo pareceres. Esperamos que a leitura dos textos, aqui reunidos, suscite novos debates e reflexões acerca das diversas temáticas de gênero ora focalizadas.

**Maria Lúcia Vannuchi**

## **Referências**

ARRUDA, Ângela. Representações sociais: emergência e conflito na Psicologia Social. IN: Baptista, Luis Antônio Santos (Org.). *Anuário do Laboratório de subjetividade e Política*. Departamento de Psicologia, [s.l.] UFF, 1991-92, 1 (1): 115-131.

KOFES, S. Categorias analíticas empíricas: gênero e mulher: disjunções e mediações. *Cadernos Pagu*, IFCH/Unicamp, 1993, p. 19-30.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, 20(2): 71-99, Jul/Dez 1995.